

QUEM É ?

Autobiografia -

Daniel Augusto Raposo de Sá nasceu a 02/03/1944. e residiu na Maia, S. Miguel, Açores até à sua morte aos 69 anos, em março 2013

Aos dois anos deixa a Maia (S. Miguel, Açores) para, com a mãe e a irmã, ir juntar-se ao pai, que no ano anterior fora trabalhar no aeroporto de Santa Maria. Frequentou três meses a escola de São Pedro, onde nada lhe foi ensinado por, devido à idade, não estar matriculado. Em janeiro de 1951 a família mudou-se para Santana, tendo sido matriculado na escola desse lugar, substituindo nas estatísticas outro aluno de seis anos também. Frequentou o Externato de Santa Maria até ao quarto ano, tendo feito o quinto ano no Externato da Ribeira Grande. Fez o curso do Magistério Primário antes de ser professor nos Fenais da Ajuda por quatro anos. Começou a escrever para o jornal de Cícero de Medeiros, com o pseudónimo Augusto de Vera Cruz. Cumpriu depois o serviço militar (recruta e especialidade) nas Caldas da Rainha e Tavira, passando ao B. I. I. 18, dos Arrifes, até ser desmobilizado. Depois de mais um ano como professor, desta vez na Maia, entrou para a congregação missionária dos Combonianos, esteve quase três anos em Valência (onde fez o curso de Filosofia e o primeiro ano de Teologia) e alguns meses em Granada, onde frequentou a Faculdade de Teologia. Pai de três filhos, foi membro Junta Regional dos Açores, o governo nomeado que preparou as primeiras eleições para a Assembleia Regional. Considerava-se, culturalmente, apátrida, no mais permanecendo ilhéu e português.

Na galeria da fama dos maus romances, há um que começa mais ou menos desta maneira: "*Era uma noite escura e tempestuosa*". Estava assim aquela em que nasci, quando o apocalipse da guerra contava já os seus últimos milhões de mortos, e o petróleo ia substituindo o azeite de gata, que dava mais cheiro que luz. Nesse dia, quadragésimo nono aniversário do decreto da autonomia de Hintze Ribeiro - João Franco - D. Carlos, os aliados continuavam a cercar o mosteiro de Monte Cassino, e Pio XII completava sessenta e oito anos de vida e cinco de Papa.

Mas logo aos dois anos tive de deixar a Maia e os meus boizinhos de carrilho, porque meu pai fora, como muitos mais, procurar a imitação do "Eldorado" no aeroporto de Santa Maria, e nos fizera carta de chamada, pois as ilhas estavam então separadas por alfândega e outras dificuldades, como estados independentes. Começava a cumprir-se o fado de uma família de emigrantes, que haveria de esboroar-se toda, nessa e nas décadas seguintes, por este mundo de Deus e de legítimas ambições humanas.

Dos primeiros tempos na ilha-mãe, feita de pedra e cal, recordo vagamente os meus caracóis louros e compridos, um coelhinho de latão que fora broche e se tornou no meu brinquedo preferido e quase único, o encanto indizível de um "Dakota" de plástico que o Menino Jesus me deu, creio eu, por um Natal em que cheguei à chaminé ainda a tempo de o ver fugir, e uns versos com que me estreei na poesia, cantando para a vizinha da frente segundo as normas de rima que meu pai me ensinara na véspera.

Fui crescendo com essa cisma na cabeça, e cheguei a passar horas em desafios renhidos de redondilha maior com o Firmino, meu colega de quarta classe na escola de Santana, onde a boa da professora tinha de aturar mais de três dezenas de rapazes e raparigas, desde os que andavam na bê-á-bá até aos que papagueavam significados, rios, reis, serras e linhas férreas, entremeando a sua exausta paciência com um "calem-se" para nós os dois, sem que ela sonhasse o que dizíamos e como o dizíamos, a voz contida.

É de pouco depois o meu primeiro romance falhado, uma aventura de índios e "cowboys" que acabou quando o assalto a um rancho coincidiu com a minha falta de paciência ou de inspiração para o resto.

Mas o melhor eram os relatos de futebol ouvidos e discutidos no Clube Asas do Atlântico e, sublimidade de quantas sensações havia na nossa infância, as "*matinés*" do Atlântida Cine, onde se arranjava quase sempre um lugarzinho, mesmo que não se tivesse o

dinheiro para o bilhete, porque o Senhor Cardoso abria a porta à fila da nossa gula impaciente quando percebia que, a respeito de entradas pagas, estava tudo conversado.

Mas em fins de 1958 aconteceu o primeiro grande desgosto da minha vida: o bondoso padre Artur perdeu-se no naufrágio do "Arnel"; e, poucos meses depois, meu pai morreu. O tempo começou então a passar muito depressa. O quinto ano feito no Externato da Ribeira Grande e o curso do Magistério Primário foram uns instantes e dei por mim, de repente, professor nos Fenais da Ajuda. Andei por lá quatro anos, e comecei a escrever para o jornal do saudoso Cícero de Medeiros, com um pseudónimo que eu imaginara muito antes e que, feito do meu verdadeiro nome e de uma das designações daquela freguesia, por interessante coincidência se justificava plenamente: Augusto de Vera Cruz. Cumpri depois esse dever absurdo de aprender a guerra, nas Caldas da Rainha a recrutar e a especialidade em Tavira, mas escapei à imposição de exercer na prática os conhecimentos adquiridos, porque passei o resto do serviço militar no batalhão dos Arrifes. Depois de mais um ano como professor, desta vez na Maia, cumpri a seguir o meu roteiro de nómada, entrando para a congregação missionária dos Combonianos, e por lá estive, quase três anos em Valência e alguns meses em Granada. Aprendi a ignorância de filósofos e teólogos e criei o vício físico da sesta, de que adoeci sem remédio.

E aqui estou, definitivamente disposto a ser rural e sedentário, que Deus, afinal, está em toda a parte e o Mundo inteiro vem cá ter com a gente.

Entretanto, casei: faltavam vinte e cinco dias não sonhados para que se cumprisse a plenitude de abril. Pai de três filhos que vão crescendo e de seis livros maneirinhos, sinto que me saí melhor (talvez por serem uma obra a dois) com aqueles do que com estes, mas ainda não perdi a esperança de ser tão feliz por uns como pelos outros.

Tenho pena de não ter nascido a tempo de escrever o "Estrangeiro" ou "As Vinhas da Ira", de compor o "Messias" ou a "Sagração da primavera", de pintar "A Peregrinação de Santo Isidro", ou de esculpir "Os Burgueses de Calais", de formular a teoria da Relatividade ou de descobrir a penicilina, de erguer o Taj Mahal, de criar o poema "Tabacaria" ou, ao menos, de inventar a maionese. Meteram-me na política, onde tenho sido de tudo um pouco, menos membro do governo regional, porque, além de outras razões evidentes, de certeza não serviria para isso.

Sou de uma curiosidade sempre insatisfeita, e teria estado disposto, se tal fosse possível, a ficar olhando, durante milhões de anos, a criação do Universo, só para saber como foi. Trocaria todas as palavras que até hoje disse, e que os amigos aplaudiram, para pensar por momentos, sem esquecer depois, com o cérebro do primeiro homem que foi capaz de pensar.

Não sei se posso dizer que sou puro, como os justos do antigo Egito no julgamento de Osíris. Sei que não queimei o templo de Diana nem ordenei nenhum campo de concentração. Posso invocar uns quantos não de bondade, mas faltam-me os sins seguros da justiça positiva.

Todavia, a catedral da Literatura existe, com os seus demónios e os seus santos para todas as devoções. E, com tantos livros para ler, há quem gaste o seu tempo e o seu talento a discutir-lhes a forma, a escola ou a literatura menor a que pertençam. No entanto, cada vez que eu entro, por exemplo, na igreja do mosteiro da Batalha, ajoelho-me primeiro porque aquele templo foi feito para louvarmos a Deus e não o estilo ou os homens que o construíram. E se, culturalmente, sou apátrida, no mais permaneço ilhéu e português, aceitando a fatalidade do destino com que nasci como se eu mesmo fosse o responsável por ele.

(Este texto foi escrito em 1992. Entretanto, os filhos cresceram em idade e inteligência e os livros em número e tamanho.)

Obras publicadas:

- (sd.) [Um Trovador Na Corte De D. Sancho](#)
- 1979, Em nome do povo. Ámen antipoemas e outras palavras, Ed autor
- 1982, Génese, Novela, col. Gaivota, DRAC, Angra Do Heroísmo: SREC

- [1985, Sobre A Verdade Das Coisas, Crónicas - Contos, Ed. Junta De Freguesia Da Maia](#), Empresa Gráfica
- Açoriana
- [1987, A Longa Espera, Contos, Ed. Signo, Ponta Delgada](#),
 - 1987, O Espólio, Novela, Ponta Delgada, Ed. Signo, Brumarte,
 - 1988, Bartolomeu, Teatro, Ed. DRAC, Angra Do Heroísmo: SREC
 - 1990, Um Deus À Beira Da Loucura, Novela, col. Gaivota, DRAC, SREC, Angra Do Heroísmo:
 - 1992, Ilha Grande Fechada, Romance, Lisboa, Ed. Salamandra
 - 1993, A Criação Do Tempo, Do Bem E Do Mal, Ensaio, Lisboa, Ed. Salamandra
 - [1995, Crónica Do Despovoamento Das Ilhas E Outras Cartas De El-Rei, Crónicas Históricas, Lisboa, Ed. Salamandra](#)
- [Salamandra](#)
- 1997, E Deus Teve Medo De Ser Homem, Novela, Lisboa, Ed. Salamandra
 - [1999 As Duas Cruzes Do Império – Memórias Da Inquisição, Romance, Lisboa, Ed. Salamandra](#)
 - [2000, Sobre A Verdade Das Coisas, Crónicas - Contos, 2ª ed., Junta De Freguesia Da Maia](#), Empresa Gráfica
- Açoriana
- 2003, A Terra Permitida, Romance, ed. Salamandra, Lisboa,
 - 2003, Açores, coleção monumental e turística, ed. bilingue, – ed. Everest, León, Espanha;
 - [2005. Duetto A Uma Só Voz IAC \(Instituto Açoriano de Cultura\) Revista Atlântida vol. L 2005](#)
 - [2006. Um Trovador Na Corte De D. Sancho](#) alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/daniel01.rtf
 - 2007, Autorretrato e biografia disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/danielsa.htm>
 - 2007, O Pastor Das Casa Mortas, Ponta Delgada, Ed. VerAçor
 - 2007, Dead Houses' Shepherd, Ponta Delgada, Ed. VerAçor
 - 2007, Santa Maria, A ilha-mãe, Ponta Delgada, Ed. VerAçor,
 - 2007, Santa Maria, Island Mother, Ponta Delgada, Ed. VerAçor,
 - 2008, Autores açorianos contemporâneos, Atas do 9º colóquio da lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores
 - 2009, S. Miguel, Açores, A Ilha Esculpida, Ponta Delgada, Ed. VerAçor
 - 2009, S. Miguel, a ilha esculpida, Azores, Ponta Delgada, Ed. VerAçor
 - 2009, Autores açorianos, Atas do 11º colóquio da lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores,
 - 2010 Ilha Grande Fechada Romance, 2ª ed., Ponta Delgada, Ed. VerAçor,
 - 2010 Peregrinos Do Senhor Santo Cristo Dos Milagres, Ed. Paulus Editora, Lisboa
 - 2010 Terceira, Terra De Bravos, / Land of the Brave, Ponta Delgada, Ed. VerAçor,
 - 2011, Açorianidades, De São Pedro a Santana pela Ribeiro do Engenho. Atas do 16º colóquio da lusofonia,
- Santa Maria, Açores
- 2011, O Deus dos últimos, Ed. VerAçor
 - 2011 As Rosas De Granada, Poesia Ed. Familiar Não Comercializável, Grafismo Hélder Segadães.
 - 2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2012, Presença literária açoriana, Atas do 17º colóquio da lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores,
 - 2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
 - 2013, Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- Outras páginas sobre o autor:
- [Recensão sobre a obra E Deus Teve Medo de Ser Homem](#)
 - [Malino: Homenagem a Miguel Torga](#)
 - [Dois sonetos sobre Natália Correia](#)